

“NEGRINHA”, DE MONTEIRO LOBATO: (DES)HUMANIZAÇÃO EM SENTIDO PROFUNDO¹

“NEGRINHA”, BY MONTEIRO LOBATO: PROFOUND (DE)HUMANIZATION

Aroldo José Abreu Pinto²

Fabiana Alessandra dos Santos³

RESUMO

O objeto de reflexão neste artigo é o conto “Negrinha” de Monteiro Lobato que, apesar de ter sido publicado há mais de cem anos, ainda permanece vivo por suas representações que dialogam com fatos da contemporaneidade. A obra narra a vida de uma menina órfã subjugada por sua cor, por sua herança escravizada, enfrentando situações de desumanização. Trata-se, portanto, de uma proposta de retomada da literatura enquanto reflexo e crítica da sociedade, a partir da observação das dinâmicas sociais e raciais que moldam a vida da protagonista, com o intuito de vislumbrar a desumanização dos marginalizados e promover uma reflexão sobre aqueles que são subjugados. Para tanto, utilizamos como referencial teórico autores como Bosi (1994), Fernandes (1963), Candido (2006, 2012), entre outros. Foi possível verificar que a personagem Negrinha, na condição de vítima, torna-se símbolo das desigualdades de um sistema social cruel, desnudando o peso da injustiça sobre um semelhante. Considerar-se-ão os fatores sociais e psicológicos na interpretação e também o contexto histórico para a leitura do conto em seu conjunto.

Palavras-chave: conto; Monteiro Lobato; relações raciais; crítica social.

ABSTRACT

The object of reflection in this article is the short story “Negrinha” by Monteiro Lobato which, despite having been published more than a hundred years ago, still remains alive due to its representations that dialogue with contemporary facts. The work narrates the life of an orphan girl subjugated by her color, by her enslaved heritage, facing situations

¹ Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Acervo de Ricardo Ramos: disponibilização e organização de 1980 a 1992 – etapa final”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

² Doutor em Letras pela UNESP/Assis-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) no Campus de Sinop e de Tangará da Serra. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2323427456490711>. E-mail: aroldoabreu@unemat.br.

³ Mestranda em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop. Bolsista CAPES-Demanda Social. E-mail: fabiana.alessandra@unemat.br

of dehumanization. It is, therefore, a proposal to retake literature as a reflection and critique of society, based on the observation of the social and racial dynamics that shape the protagonist's life, with the aim of envisioning the dehumanization of the marginalized and promoting reflection on those who are subjugated. To this end, we used authors such as Bosi (1994), Fernandes (1963), Candido (2006, 2012), among others, as a theoretical framework. It was possible to verify that the character Negrinha, as a victim, becomes a symbol of the inequalities of a cruel social system, revealing the weight of injustice on a similar person. Social and psychological factors will be considered in the interpretation and also the historical context for reading the story as a whole.

Keywords: short story; Monteiro Lobato; race relations; social critique.

Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. Mas a questão não é tão simples assim. Trata-se de registrar *qual* realidade nossa? a nossa cotidiana, do dia-a-dia? ou a nossa fantasiada?

Nádia Battella Gotlib (2006)

E por falar em “Negrinha”

“Negrinha” é um conto de Monteiro Lobato publicado em 1920, mas que, apesar de pertencer ao século passado, o assunto abordado ainda permanece muito atual. A obra narra a vida de uma menina órfã subjugada por sua cor, por sua herança escravizada, enfrentando situações de desumanização. O autor se utiliza de diversas imagens para desnudar a realidade e trazer à luz uma crítica social, denunciando as injustiças de seu tempo e elevando sua obra até a grandeza da intemporalidade, ou seja, o conto é capaz de exercer impacto para além de seu tempo e lugar, com reflexões sobre raça, classe e condição humana.

Propõe-se, portanto, uma leitura do conto “Negrinha”, analisando suas estruturas impositivas de poder e desumanização, por meio do preconceito racial, ao mesmo tempo em que pode sensibilizar o leitor para a uma luta por transformação social.

O decorrer da narrativa explora a busca por dignidade e identidade pessoal. A trajetória da protagonista é marcada por muito sofrimento, insignificância, dores e abandono. Mais tarde sofre um impacto pelo gesto inesperado do consentimento da patroa em permiti-la brincar. Tal ato de bondade desperta nela a compreensão de que tem uma alma, mas após o período de férias de dezembro, quando a rotina volta ao normal,

Negrinha não suporta sua condição e define até seu fim que, embora fatal, vem carregado de beleza transcendental.

A análise considerará a perspectiva documental da literatura, como sugerido por teóricos como Antônio Candido (2006, 2012), que destaca a importância de se compreender a obra em seu contexto social e psicológico; os resquícios de escravidão presentes na época tratados por Florestan Fernandes (1963); além do perfil do autor trazidos por Alfredo Bosi (1994). Discutiremos como Monteiro Lobato utiliza a fantasia e o delírio para revelar as “verdades profundas” da natureza humana e as agruras da desigualdade social. Com essa leitura, esperamos contribuir para uma compreensão do conto “Negrinha” e de seu significado e permanência na literatura brasileira.

As dores em função da cor

A literatura é a porta aberta para um passeio que nos transporta do real para o ilusório e depois do ilusório para o real, misturando tudo para surgir um novo aspecto de ser, de sentir e de estar. As escolhas do autor nos conduzem por caminhos que reordenam nossos conceitos, mudam nosso foco, mudam as coisas de lugar para nos permitir enxergar e evoluir no desenrolar da leitura. “Negrinha” abre muitas dessas portas.

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças. Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. Ótima, a dona Inácia. Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa: (Lobato, 1994, p.21).

O conto relata a comovente e impressionante história de uma entre muitas crianças pretas, chamada de Negrinha por seus algozes. Já de imediato, subentende-se que não se utiliza um nome para identificar a personagem central com o intuito de remeter para sua insignificância no meio em que vivia, pois sequer lhe dão um nome, mas enfatizam sua

origem, já que vinha da senzala. Importante ressaltar que não necessariamente remete a cor de pele da criança, visto que não era negra, mas fusca, mulatinha, o que pode deixar para o leitor a desconfiança de tratar-se de uma criança filha de preto com um homem branco, pois tinha cabelo ruço (avermelhado), possivelmente herdado de seu pai. A criança era tida como um estorvo na casa, vivendo nos cantos escuros da cozinha em condições precárias, desprezada e sem carinho.

Dona Inácia, a senhora rica responsável pela criança, vem descrita por suas características físicas e psicológicas, porém de maneira irônica, visto que, em tom de lisonja, o narrador revela sua forma física avolumada, demonstrando a fartura com que esta mulher vivia, tendo abundância de dinheiro, comida e tempo, sendo reconhecida pela religiosidade e cercada de bajulações. Suas qualidades e méritos são, portanto, reconhecidos e enaltecidos, mas de uma maneira que fica claro para o leitor justamente o contrário: trata-se de uma visão no mínimo hipócrita da sociedade que a cerca.

Observe-se ainda no trecho do conto destacado acima e de forma bem demarcada uma crítica do autor à religiosidade, já que o beato não se posiciona sobre os maus-tratos e coloca-se ao lado dos mais poderosos, como se a senhora fosse a legitimadora de boas ações diante da sociedade. Lembramos aqui, oportunamente, que Lobato, enquanto escritor e homem das letras, teve em sua trajetória intelectual diversas discordâncias com questões que se apresentavam em sociedade e suas ideologias pessoais, muitas das vezes presentes em suas obras, nos lançam historicamente em situações bastante identificáveis em certa época.

O papel que Lobato exerceu na cultura nacional transcende de muito a sua inclusão entre os contistas regionalistas. Ele foi antes de tudo um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente. E esse pendor para a militância foi se acentuando no decorrer da sua produção literária. (Bosi, 1994, p. 215).

Pode-se perceber que o conto se apresenta como uma dessas obras de Monteiro Lobato que trazem uma reflexão histórica sobre as condições de vida dos pretos daquela época; como sabemos, e em se tratando de literatura, podemos reler considerando a denúncia do autor ao modo de coerção social ao qual eram expostos os negros ditos “livres” daquela realidade social.

O prestígio e o poder que são apanágios dos dominantes permanecem enleados aos princípios sociais herdados do passado e encarcerados pela ordem racial branca, que não foi negada quando da ascensão dos imigrantes. No que tange à condição social dos negros, a lentidão e descontinuidades do ritmo da integração apontam para os dilemas de uma história que não rompeu integralmente com as cadeias do passado, retirando dos afrodescendentes a possibilidade de constituírem-se, efetivamente, em sujeitos da sua trajetória social. (Arruda, 2008, p.252)

No excerto vale reiterar como, apesar da abolição do escravismo humano, mantém-se a submissão dos negros a situações desumanas, apresentando-o na condição de inferior, não merecedor e indigno. Desse modo, a escravidão apenas se camuflava nas relações de trabalho, e na obra “Negrinha” vem apresentando o modo de vida de tantos negros.

Os atos apresentados pela patroa também demonstram a real postura escravocrata da sociedade brasileira daquela época. É como se o ser humano preto não fosse ou não tivesse o mesmo direito de ser humano. Há, por assim dizer, uma “coisificação” da pessoa preta, pois em nenhum momento se observa o lado emocional, os aspectos psicológicos que constituem um indivíduo.

— Quem é a peste que está chorando aí? Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero. — Cale a boca, diabo! No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer... Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. — Sentadinha aí, e bico, hein? Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas. — Braços cruzados, já, diabo! Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante. Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim. Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, biscoito, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número

de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. (Lobato, 1994, p.22).

Note-se que a Dona Inácia diz não gostar de crianças, mas essa afirmação entra em conflito à certa altura do conto quando ela demonstra afeição pelas sobrinhas. O “não gostar” só se aplica à criança denominada Negrinha. Esta sequer podia chorar, pois a viúva, que não possuía filhos irritava-se e punha-se a gritar ao ouvir o som vindo da criança; sequer a mãe tinha opção de acalantar a filha e logo lhe abafava o choro com as mãos e lhe reprimia agressivamente para não contrariar a patroa, que logo vinha cobrar o silêncio e desprezar a criança.

Essa mãe é apresentada no conto como se fosse um ser repugnante e que não merece qualquer consideração por parte da patroa. Aqui cabe uma indagação: qual seria o real motivo dessa aversão de D. Inácio para com Negrinha e sua mãe? Seria por ser a mãe da criança mulata escura ou pelo fato desta criança ser fusca e de cabelos ruços, cujo pai não é citado em nenhum momento na história? Bem sabemos que D. Inácia é viúva e que seu finado esposo poderia - como era comuns em senzalas na época - ser o legítimo pai de Negrinha, ou seja, fica no ar a possibilidade de o patrão ter usado sexualmente a mãe da criança e feito nesta uma criança indesejada. Este sim poderia ser o real motivo das injúrias, Dona Inácia ter se sentido traída e, por esse motivo, rejeita a criança como fruto de uma traição e nela insurge o desejo de vingar-se.

Essas conjecturas certamente não estão dadas claramente no conto, mas se fazem possíveis nos não-ditos, nos vazios deixados pelo escritor por meio do narrador. Fato que pode ser observado também em outros momentos em que a criança com frequência é negligenciada, vive os maus tratos, passa fome e frio, está desnutrida e invariavelmente encontra-se assombrada pela possibilidade de castigos.

Aos quatro anos, Negrinha perdera a mãe. A partir daí continuou rejeitada aos olhos de quem deveria protegê-la. A criança não tinha permissão nem para mover-se muito menos para brincar e lhe era negado o direito de ser criança.

Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...
O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma

atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”... O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo: — Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor! Era pouco, mas antes isso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. (Lobato, 1994, p.22).

O longo trecho acima ilustra como a criança passava sua vida tolhida, podendo somente admirar um relógio cuco, trazido como engraçadinho, pois era até o momento a única diversão que tinha, o único objeto em que encontrava satisfação na vida, maravilhava-se em vê-lo em funcionamento enquanto incontáveis insultos a rotulavam o tempo todo de modo que nunca recebera um sinal de afeto, carinho e aceitação. Ela é passiva em sua condição desumana, apresenta-se dominada, sem ambição, sem reação, sem entender sua real condição de vida.

Historicamente, sabemos que neste período após a abolição, mesmo libertos, as situações de vida da população negra não condiziam com a dignidade de um trabalhador humano, sua condição negra o marginalizava, correspondendo a padrões ideológicos de colonização, sufocando lhes em precariedades e violência.

Tratando da condição de marginalidade dos negros, após a abolição, defrontados com os novos padrões sociais inerentes à sociedade capitalista, Fernandes (1963, p. 138) nos lembra que “o dilema número um da sociedade brasileira hodierna é a demora cultural... existe uma resistência intensa à mudança, a qual se torna sociopática nos círculos conservantistas do país”. A demora cultural refere-se ao fato de a sociedade ser

descrita em leis e documentos como libertária, porém na realidade não conferem tais condições aos negros.

A data citada se refere a Lei Aurea, assinada pela princesa Isabel no ano de 1888, mas que, pela verossimilhança do conto, observa-se que ainda não saíra do papel. Para a gente branca de então, o sadismo de Dona Inácia se apresentava como natural e aceitável diante de tão indefesa criança, mostrando quão rude eram as condenações a que eram submetidos os negros independentemente da idade, as cenas narradas se sucedem com muita força de representação, e dentre todas as condenações esta se destaca.

Foi assim com aquela história do ovo quente. Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias. — “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa. Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se. — Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias. — Traga um ovo. Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou: — Venha cá! Negrinha aproximou-se. — Abra a boca! Negrinha abriu aboca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois: — Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste? E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava. — Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá! (Lobato, 1994, p.24).

Este trecho do conto mostra a experiência de tortura vivida por Negrinha. A cena descreve o sadismo de Dona Inácia, quando deleita-se em queimar a boca da menina. Durante a refeição Negrinha teria feito uma ofensa trivial a outra funcionária, revidando a altura ao ter sido provocada.

A patroa ferve um ovo e coloca na boca da menina, fechando em seguida, amordaçando-a até que o ovo esfriasse, demonstrando que a criança, além de castigos físicos, também era exposta a castigos psicológicos de dor intensa e sem condição de defesa, enquanto a “patroa” sentia satisfação em “corrigi-la”.

A crueldade do ato choca e chama a atenção do leitor, levando a refletir sobre tamanha injustiça e, conseqüentemente, para a condição de desumanização da criança. A descrição “encolhidinha em um canto”, demonstra a submissão ao qual a criança estava entregue. O ato de tortura desnuda uma criança reprimida e ferida no corpo e na alma; criança inocente e que ainda não enxergava outra perspectiva para a sua vida.

A frase “os vizinhos nem perceberam”, citada pelo narrador, demonstra que a vizinhança estava habituada com os abusos dos brancos para com a criadagem negra, demonstrando a aceitação social da violência e da normalização da tortura e da brutalidade contra aqueles que eram considerados menos humanos e inferiores, de modo que impacta de forma potente os conceitos ideológicos do leitor, revelando o racismo estrutural persistente na época.

— A caridade é a mais bela das virtudes cristas, minha senhora — murmurou o padre. — Sim, mas cansa... — Quem dá aos pobres empresta a Deus. A boa senhora suspirou resignadamente. — Inda é o que vale... Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo. Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”? Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre. — Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa. — Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora. — Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco. (Lobato, 1994, p.25).

Na continuidade do conto, pode-se perceber que as atitudes maldosas de Dona Inácia não a afligiam, e sua religiosidade é extremamente ironizada pelo narrador, pois suas maneiras sequer perturbavam sua alma. Parece claro que o narrador quer mostrar quão vã é a religiosidade sem amor e que os afazeres religiosos de Dona Inácia eram de

pura hipocrisia, pois ela se punha “contente” para receber o vigário após uma sessão de tortura. Isso ressalta a crueldade e naturalidade com que realizava tais atos em contraste com a vida religiosa que fazia questão de professar. Tanto que, em conversa com o pároco, se queixa daquela que lhe é alheia, vitimizando-se ao falar do trabalho que tinha em educar a pequena órfã, como se estivesse fazendo caridade à criança. O padre, por sua vez, corrompido em seus interesses, a apoia, reforçando ainda a necessidade de mais dureza para com a órfã e que, no futuro, seria recompensada em virtude cristã.

Conforme dito, o texto desmascara a hipocrisia da sociedade religiosa que, neste caso, na verdade também é brutal e desumana, trabalhando sempre em busca de seus próprios interesses e em nome da igreja, evidenciando um contraste entre o que é apregoado e o que era vivenciado pelos cristãos: uma crítica contundente à sociedade da época que não abandonara os costumes violentos e escravocratas. O narrador se refere a Inácia ironicamente como Santa Inácia, em menção as crueldades que costumara fazer, maquiadas em caridade.

Em certo dezembro, por exemplo, o narrador relata que a senhora recebeu a visita de duas sobrinhas. Estas são interpretadas por Negrinha como seres celestiais, duas meninas “brancas”, bem cuidadas, como que plumas, fazendo menção aos adereços dos anjos que compunham todo esse cenário surpreendente para a menina.

Negrinha não entendia o fato de a patroa divertir-se com as brincadeiras das meninas e fica absorvida ao observar tamanha novidade de ver a sinhá sorrindo. Na surpresa, aproxima-se das meninas. Logo é rechaçada e ocupa em seguida o seu lugar de sempre, o isolamento da casa, o cantinho discreto. Porém, após o episódio, a menina é tomada de curiosidade e desperta de um tormento imenso no seu interior que a consumia em silenciosas indagações.

Chegaram as malas e logo: — Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas. Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos. Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia... Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial. — É feita?... — perguntou, extasiada. E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la. As meninas

admiraram-se daquilo. — Nunca viu boneca? — Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca? Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade. — Como é boba! — disseram. — E você como se chama? — Negrinha. As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca: — Pegue! Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena. (Lobato, 1994, p.26).

O narrador apresenta agora o mundo imaginário na visão da menina a contemplar tanta novidade. Há uma significação nova para a vida que lhe é apresentada: a possibilidade de relacionamento com algo inanimado, uma simples boneca. Para uma criança, a companhia de outras para brincar e os brinquedos por si só mexem com a compreensão de mundo da menina. Aliado a isso, a novidade da aceitação momentânea da patroa, que antes nunca a permitirá viver socialmente, causa-lhe estranhamento e surpresa. Vejamos o excerto:

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos. Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein? Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu. Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha... (Lobato, 1994, p.26, 27).

A leitura psicológica da criança descrita pelo narrador é um relato muito comovente das complexas emoções vividas por ela, negra, pobre, diante de uma sociedade classicista e preconceituosa. Descreve com maestria o momento em que a menina vive o encantamento infantil e prova a sensação dolorosa de passar a existir, enquanto criança merecedora de todos aqueles mimos que a ela eram negados.

Ao tocar a boneca, Negrinha prova uma emoção ímpar de deslumbramento diante do brinquedo, intensificando para o leitor os sentimentos de privação ao qual tivera vivido até ali, enquanto as sobrinhas fidalgas riem de sua ingenuidade diante de um ato tão comum para elas, evidenciando o abismo cultural ao qual estavam inseridas. Para Negrinha, suas sensações são de quem está vivendo uma experiência religiosa, um êxtase. Na infante, a alegria é tão genuína que comove momentaneamente até mesmo Dona Inácia.

Cabe aqui retomarmos Antônio Candido (2012), pois a literatura desempenha a função humanizadora e os elementos apontados no conto corroboram a percepção de que isso ocorre no momento da leitura. As palavras têm o poder de sensibilizar o homem para sua condição primeira de “ser humano”. A literatura certamente materializa-se como um portal capaz de levar o leitor a outro mundo, a um universo novo, com novas possibilidades, antes impensáveis ou desconhecidas. Nela percebemos, pela ruptura da estabilidade, quando um cenário caótico abre espaço a uma nova emoção, uma inusitada experiência de vida que invade o coração dos leitores, possibilitada pelas descrições das reações da menina. Candido nos alerta para o fato de que:

Embora não subvertam a ordem geral das coisas, estas utopias são capazes, ainda que parcialmente, de promover novas e diferentes leituras e interpretações acerca do mundo histórico e das suas contradições; de expandir, de rever, de reconduzir através da dialética leitor/texto/leitura nossos horizontes de expectativas, nossas visões de mundo. Daí a necessidade de ler, compreender, interpretar a Literatura como um direito universal e inalienável do ser humano. (Candido, 2012, p.9 e 10).

Neste contexto, participamos de um impulso mobilizador e impulsionador, capaz de propor um novo ponto de vista, olhar o que já é conhecido com um outro olhar, numa perspectiva dialética da vida possibilitada pela fabulação.

Quando a menina percebe estar sendo observada pela patroa se assusta e lembra-se dos terríveis castigos aos quais já fora submetida, demonstrando que sua psique era totalmente absorvida pelo medo, visto que não consegue organizar-se de imediato. Fica evidente a crítica do autor às injustiças sociais desta época que marginalizava e oprimia até mesmo as crianças, tendo suas infâncias negadas pelas barreiras raciais e econômicas que dividem a sociedade, levando o leitor a refletir e compadecer-se por esses tipos de vítimas.

Segundo Fernandes (2006), fazendo um comparativo histórico, as estruturas de poder e de raça impedem as relações democráticas de se consolidarem, pois a discriminação social camufla as reais tensões que mobilizam os integrantes de classes sociais distintas. Isso coloca em debate as discussões sobre as oportunidades oferecidas aos negros no Brasil desde sua suposta “libertação”, destacando a crítica ao “mito da democracia racial”.

Essa incapacidade de levar adiante as reformas liberais se constituiu, desde sua gênese, no que viria a ser a pedra de toque da democracia brasileira: A relação senhor-escravo e a dominação senhoril minaram, pois, as próprias bases psicológicas da vida moral e política, tornando muito difícil e muito precária a individualização social da pessoa ou a transformação do “indivíduo”, da “vontade individual” e da “liberdade pessoal” em fundamentos psico e sociodinâmicos da vida em sociedade (Fernandes, 2006, p. 197).

A análise das teorias de lutas políticas e sociais que envolvem a questão racial trazidas pela presente obra é direta e vemos que, mesmo com a abolição decretada, a burguesia não levou adiante os ideais das reformas liberais, conservando o status quo na questão social, entre outras. O racismo vem arraigado a questões de estrutura econômica, pelo fato de o negro ter sido integrado como escravo na produção econômica de mão de obra no país, trazendo vantagens na qual ninguém desejava abrir mão e essa deturpação de valores e direitos estampam ainda hoje a fragilidade da democracia brasileira.

Uma reparação que não ocorre!

A ruptura da estabilidade no conto ocorre quando a patroa permite que Negrinha brinque no quintal com suas sobrinhas. Esse momento é marcante porque representa uma quebra na rotina opressiva e violenta que ela vivia. No entanto, essa aparente concessão de liberdade não traz felicidade duradoura.

O acolhimento de sinhá aos anseios da criança, palavras inéditas a adoçar aquele universo amargo que a oprimia, habituada a grosserias e crueldades, dura muito pouco. A menina se depara com palavra gentis e permissivas, mas isso a confunde, fazendo-a aguardar confirmação que se manifesta em seguida também no olhar da senhora, sendo assim pode sorrir discretamente.

Negrinha busca a compreensão de tal bondade repentina e o discreto sorriso da criança espelha a gratidão e a esperança que começam a “surgir”. Negrinha demonstra em seu rosto sofrido a luz de gratidão que sentira pela complacência da patroa. Por outro lado, muito incisivamente o narrador dispõe no conto o impacto que um acolhimento pode representar sobre uma criança que está condicionada a situações abusivas e à desumanização. Fica para o leitor o contraste das visões apresentadas. Primeiramente a delicadeza e dramatização daquela que se esboça no texto e, em seguida, aquela que se concretiza no leitor a partir de seu conhecimento de mundo.

Um momento catártico ganha a cena, dando o efeito de redenção a pobre menina, pondo em relevo os sentimentos nobres de resignação e mobilizando a empatia do leitor.

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher. Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! Assim foi — e essa consciência a matou. Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada. Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida. (Lobato, 1994, p. 27).

Vê-se que a essência e a pureza das inocentes almas são iguais. A semelhança da brandura da alma das crianças demonstra uma bandeira branca contra todos os tipos de discriminação infantil. O simbolismo da boneca remete a sua inocência e ao seu mundo mágico do imaginário, unindo crianças de diferentes contextos pelo prazer comum de brincar.

A boneca ainda dá espaço as perspectivas futuras das meninas ao se tornarem mulher, pois a fantasia do embalar é um preparatório para a natureza divina da maternidade e que depois deste ápice a sociedade torna a calar esta mãe, pelos padrões determinantes do patriarcado.

Ao provar de uma epifania ao brincar com a boneca a menina sente um desabrochar interno, sentindo-se na condição de ser humano pleno, vê-se enquanto

criança e teme se enxergar no futuro “mulher”, pois que mulher seria? negra, pobre e sem direitos? E essa leitura a impossibilita continuar a viver como uma coisa sem valor e sem expectativas de melhoras. Negrinha definha ao entender sua realidade, tamanha fora sua resignação, desiste simplesmente de continuar, não vê sentido em suas dores.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos. Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a. brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara dias seguidos, a linda boneca loura, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochava-se de alma. Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada. Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta. Mas, imóvel, sem rufar as asas. Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas. Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados... E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas. — “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?” Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia. — “Como era boa para um cocre!...” — “Como era boa para um cocre!...” (Lobato, 1994, p.28).

Negrinha morre abandonada a sorte, na esteira surrada, como um animal sem dono, assim como era vista pela sociedade. Mesmo com suas mazelas encontra a beleza em sua passagem, a beleza espiritual das mártires, buscando na morte o alívio para o seu sofrimento. A morte aqui é representada como ascensão da menina para um possível paraíso onde as bonecas e os anjos do seu delírio e fantasia lhe fazem as honrarias de boas-vindas, inferindo a pureza dos pensamentos da criança.

Pela última vez o conto faz menção ao relógio cuco, referindo-se a hora da partida, momento da transição já que por aqui sequer uma cerimônia lhe fora encomendada para a despedida; mais uma indiferença para a morte daquela pequena mestiça, órfã e vulnerável. O que restou de sua passagem foi a imagem cômica da bobinha da titia, considerando-a como objeto de posse da família, descartável e da saudade de Dona Inácia em estralar-lhe um “cocre” frequentemente.

Cada conto, um caso: considerações finais

Para entender “Negrinha”, certamente temos que atentar para diversos fatores e, entre eles, neste conto, ter atenção ao seu apego a questões facilmente identificáveis em sociedade e em uma determinada época histórica. No entanto, é crucial reconhecer que a literatura possui uma liberdade criativa que permite ir muito além pelas imagens que possibilita de maneira a agradar e envolver o leitor, muitas vezes utilizando a fantasia para criar uma representação realista e crível do mundo. Como nos ensina Candido, uma interpretação plausível de uma obra literária requer a integração de diversos fatores.

Neste conto, limitar a análise apenas a condicionantes exteriores é perigoso e pode comprometer a compreensão global da obra. É necessário considerar os valores sociais e psíquicos que, em conjunto, compõem sua estrutura estética. Para uma compreensão completa da produção literária, não se deve ignorar nenhum desses elementos, sob o risco de resultar em uma análise superficial e incompleta. Assim, é essencial elencar a representação do mundo e a liberdade criativa do autor.

Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal. Mas se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais (como foi exposto) no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária [...]. (Candido, 2006, p. 21)

Assim, poderíamos afirmar que o conto “Negrinha” carrega em sua fabulação o mapeamento cultural e histórico de um povo. Além de entreter, documenta valores de uma época, mas não só dela, mostrando costumes, saberes, conhecimentos representados pela sociedade no palco da vida ao longo do tempo e reconstrói constantemente as identidades, já que nenhuma identidade permanece a mesma após a leitura. Ao se deleitar em obras literárias, o leitor na verdade revisita sua humanidade compreendendo cada dia mais a complexidade da condição humana.

Ao conhecer o conto “Negrinha” somos confrontados com uma narrativa forte que oferece uma profunda crítica social e uma vasta alusão as questões de raça, classe e dignidade humana. Por meio da história de uma menina negra e órfã que vive em um ambiente de opressão e crueldade, o autor expõe as injustiças do seu tempo das quais muitas ainda persistem na sociedade contemporânea.

Negrinha, na condição de vítima, torna-se símbolo das desigualdades do sistema social, mostrando a desumanização daqueles que são subjugados e o peso da injustiça sobre um semelhante. Quando a menina sente ter uma alma, após provar um mínimo deleite da vida, descobre-se novamente sem expectativa, sem esperança, reprimida na estagnação social a qual está condenada.

Tão dura fora a descoberta da criança que foi tomada pela resignação e tristemente definhou até a morte sendo acolhida do outro lado da vida por anjos e bonecas. A morte desta criança representa uma vida desperdiçada por negligência e caprichos de uma sociedade hipócrita e cobra compaixão e uma nova postura social “humana”, questionando o *status quo*.

A literatura pode ser vista como um reflexo da sociedade, mas além de apenas refletir pode também compreendê-la e transformá-la. Na leitura profunda do conto diversas “verdades” podem ser reveladas para ajudar o leitor a posicionar-se. A evolução psicológica da menina, seus sofrimentos emocionais e físicos descritos pelo narrador são ferramentas utilizadas pelo autor para que os leitores reflitam sobre sua própria humanidade e a sociedade em que vivem.

Concluimos que a leitura de “Negrinha” nos faz rememorar a necessidade de empatia e ação em favor daqueles que a sociedade subjuga menos favorecidos. Reconhecer a beleza da obra, mesmo se tratando da tragédia de uma criança como no conto “Negrinha”, é uma forma de sensibilização para evoluirmos para uma sociedade mais justa, considerando nosso papel de luta contra as desigualdades e a opressão das ideologias autoritárias.

Referências

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A aventura sociológica de Florestan Fernandes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 5-18, 2008.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos da teoria e história literária**. 9^a edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

DUARTE, Lélia Pereira. Ironia, humor e fingimento literário. DUARTE, Lélia Pereira (Org.). Resultados da Pesquisa Ironia e Humor na Literatura. **Cadernos de Pesquisa**. V. 15. Belo Horizonte: 1994.

FERNANDES, Florestan. **Sociologia numa era da revolução social**. São Paulo: Nacional, 1963.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.

FERREIRA, Laura Senna. A contribuição da sociologia de Florestan Fernandes para a compreensão da questão racial no Brasil. **Revista ABPN**, v. 6, n. 14, jul. – out. 2014, p. 276-288.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11ed. São Paulo: Ática, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: 30^a. Editora brasiliense, 1994.

MARIOSIA, Duarcides Ferreira. Florestan Fernandes e os aspectos socio-históricos de uma integração híbrida no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 21, n. 50, jan-abr 2019, p. 182-209. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/q8V5PLRTcS5xWQYmyTvZ9Pn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.

Recebido em 31 de março de 2025

Aceito em 31 de junho de 2025